

---

## EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E DIFERENÇA: POSSÍVEIS OLHARES.

Douglas Pavan Brioli  
Wellington Marques de Andrade  
Jehu Vieira Serrado Júnior

### Resumo

Ao falarmos em identidade e diferença devemos ter como centro a posição, ou as posições, em que o sujeito se encontra no processo transformacional da sociedade contemporânea. Ter essa compreensão é essencial para a discussão da postura teórica e das práticas a serem adotadas no contexto educacional. Por assim ser, este texto busca apresentar uma reflexão sobre a exclusão escolar promovida em meio à diferença. Para tanto, nossa atenção estará voltada à análise teórica de cada conceito para daí, no caldo em que foram cunhadas, desenvolver um raciocínio capaz de tornar claro a compreensão de discursos que por serem constrangedoramente acríticos não produzem outra coisa senão comentários jogados ao vento que pouco, ou nada, tem contribuído para a resolução dos problemas da educação.

**Palavras-Chave:** Educação, Identidade, Diferença.

## Introdução

Ao falarmos de identidade e diferença devemos ter como centro a posição ou as posições em que o sujeito se encontra no processo transformacional da sociedade contemporânea. Para Bauman (2005, p.18-47) a “modernidade líquida” coloca a identidade em um processo de transformação que provoca fenômenos como a crise do multiculturalismo, o fundamentalismo islâmico ou as comunidades virtuais da Internet. Segundo ele, a questão da identidade não pode mais ser tratada pelos instrumentos tradicionais de entendimento, fazendo-se necessário desenvolver uma reflexão mais adaptada à dinâmica do transitório, que se impõe sobre o perene. Vivemos uma realidade onde o global se insere de maneira mais intensa e os valores se tornam mais “líquido” recolocando o problema da identidade em uma dimensão que exige a renovação dos parâmetros de entendimento até então utilizados. Para Bauman, à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias para a psique que tal situação suscita.

Para Giddens (2002, p. 9-20), em obra intitulada *Modernidade e Identidade*, é impossível dissociar a constituição das sociedades modernas, em sua complexidade atual, sem levar em conta as consequências dramáticas que a globalização ou os riscos sociais imprimem tanto no indivíduo quanto à coletividade, contribuindo de forma decisiva para afetar os aspectos mais pessoais da existência humana. Os indivíduos contribuem para as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações, tendo em vista que sua constituição não está centrada no “eu”, mas na importância do entendimento dos mecanismos de auto-identidade que são constituídos pelas instituições da modernidade.

Giddens (2002) circunscreve a modernidade considerando tanto as situações locais quanto as globais, denominando de “dialética do local e do global” (p. 27-47), a cultura, a economia e as dimensões sociais como fatores preponderantes para a construção da identidade, analisando o “eu” tanto em sua dimensão ontológica quanto em sua trajetória na modernidade, incluindo, nesta trajetória, os controles do corpo e da mente pela necessidade de constituição de um modelo de aceitação.

Para Giddens (idem), as tribulações do “eu” são encaradas a partir de um outro lugar, onde a cultura do narcisismo e o conceito de “eu mínimo” perdem espaço, afirmando que e o global e a modernidade, enquanto entidade estabelecida, seus riscos e sua complexidade, impõem aos indivíduos perturbações e ansiedades generalizadas, exigindo novas formas de identidades para se lidar com essas perspectivas.

As tensões sofridas pelo “eu” e sua busca por novas identidades na alta modernidade encontram espaço e referência no surgimento do que o autor chama de “política-vida” (p. 198), entendida como uma política “das decisões de vida” (idem), encontrando aí a afirmação de que o “pessoal é político” e que “as questões da política-vida [...] clamam por uma remodelização da vida social e demandam uma sensibilidade renovada para as questões que as instituições da modernidade sistematicamente dissolvem” (p. 199). Para Giddens, a sociedade contemporânea abre espaço para considerar o “eu” e a busca de “novas identidades” como pontos fundamentais.

Para Silva (2000, p.14-5), a diferença é estabelecida como uma marcação simbólica, o meio pelo qual damos sentidos às práticas das relações sociais que estabelecem relações com outras identidades por meio da classificação - “nós e eles, servos e croatas”. Mas algumas diferenças se fazem disfarçadas, como é o caso da “afirmação da identidade nacional”, que pode ocultar diferenças de classe e gênero. Assim, as identidades nunca são totalmente unificadas havendo pontos de divergências que são superados pela vontade de ser. A explicação está não somente no social e simbólico, mas na união desses dois com o nível psíquico.

Woodward (2000, p. 13) afirma que as identidades se encontram “partilhadas” na pós-modernidade pela diferença e que as tradicionais fontes que antes davam suporte à identidade, como a instituição da família, do trabalho e da igreja, entre outras, se encontram em crise. Para compreendermos o funcionamento da identidade precisamos conceituá-la e dividi-la em suas variadas dimensões. Frequentemente, a identidade se funde em apelos “essencialistas”, o que determina um grupo identitário imutável, podendo justificar-se por meio da etnia, relações de parentesco e construção histórica para a representação de uma verdade determinista.

Mas a identidade é uma “verdade relacional e a diferença uma marcação simbólica”, estando a primeira vinculada às condições sociais, e a segunda, ao meio

pelo qual estabelecemos sentidos às práticas das relações sociais, diferenciando o “excluído do incluído”. Essa conceituação da identidade envolve sistemas classificatórios marcados pelas diferenças, algumas vezes obscurecidas por uma diferença maior, sendo ambas representadas discursivamente.

Para Silva (2000, p.74-5), a tendência é tomarmos a identidade como ponto de partida, o lugar de onde deriva a diferença, sendo a primeira sempre a referência para a segunda, ou seja, aquilo que somos como padrão para avaliarmos aquilo que não somos. Tanto a identidade quanto a diferença são ativamente produzidas no contexto das relações culturais e sociais, de modo que não são essenciais, não são elementos da natureza; são criadas pelo próprio homem. O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos definidos por “aquilo que é e aquilo que não é”. De um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. Ambos os movimentos têm sido analisados na amplitude das identidades nacionais, de gêneros, de sexo, de raça e de etnia.

A identidade e a diferença fazem parte dos sistemas de significação e, conseqüentemente, de sistemas de representação. A representação tratada por Silva (2000, p. 90) é a pós-estruturalista, o que significa dizer que rejeita qualquer conotação mentalista ou suposta interioridade psicológica; é concebida unicamente em sua dimensão de significante, como um sistema de signos, como a representação de uma fotografia, filme ou texto.

Silva (2000, p. 92-3) ressalta que a identidade e a diferença remetem a processos discursivos e lingüísticos de representação não somente de maneira descritiva, como na proposição “o livro está sobre a mesa”, mas também de forma performativa, como na proposição “Eu vos declaro marido e mulher”, embora muitas sentenças descritivas acabem funcionando como performativas. Completa Silva (2000, p. 93): “o que nós dizemos muitas vezes faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribuem para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo”.

A articulação entre identidade, linguagem e diferença representa a intelectualidade do homem. Em Hall (2005, p. 127), verificamos que Descartes já afirmava “Cogito, ergo sum”, “Penso logo existo”. Profundamente influenciado pela

nova ciência do século XVII, já possuía a concepção do homem como sujeito racional, pensante, consciente e comunicativo.

Existiu no homem da primeira metade do século XX uma necessidade de descortinar seus horizontes, buscar, na ciência, na narrativa e na disciplina, decodificar, reproduzir, produzir e inovar novas formas, variados papéis, sujeitos, outros saberes e outras linguagens, constituídos de espaços, fronteiras e limites indefinidos e infinitos a partir de um imaginário que se torna real. Um real historicamente construído, imaginado, mediado e simbólico.

Hall (2000, p. 38-9) afirma que, nesse horizonte expandido, em um mundo globalizado em que Estados-Nações, ditos autônomos, tiveram seus respectivos investimentos capitalistas sempre muito além das fronteiras, há uma busca contínua da “identidade” constantemente construída e desconstruída no centro de processos heterogêneos e contraditórios, e que a “diferença” determina o que se “é e não é”, e também o que se “pode ser”.

Conforme o autor, a partir dos anos 70, com o aumento do ritmo da integração global, decorrente de um considerável crescimento do fluxo econômico e, conseqüentemente, o desenvolvimento de novos laços entre as nações, ocorreram consideráveis transformações das “identidades culturais”, o que fez que as identidades nacionais entrassem em processo de desintegração. Como resposta, fez surgir um outro processo, o de resistência “local ou particularista”; essa contraposição é prova do declínio das identidades nacionais e surgimento das novas identidades “híbridas”.

Hall (2005, p.70-2) esclarece ainda que o “tempo” e o “espaço” são também coordenadas básicas de todos os sistemas de representação, como a escrita, o desenho, a fotografia, a arte e também as telecomunicações, pois todas são produzidas a partir de um determinado espaço e tempo histórico. A representação é o lugar final em que as identidades localizam-se no espaço e no tempo por meio de seu simbolismo e que esta está sempre em construção.

Hall (2000, p. 103-8) observa que, nos últimos anos, houve uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de identidade, sendo necessário pensá-la a partir de uma “nova posição”, em que todas as práticas de identificação estão sujeitas ao “jogo da diferença”. O autor vincula as discussões sobre identidade aos processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente estabelecido de muitas culturas, invocando sempre uma origem que reside em um passado,

ancorado em aspectos culturais que se traduzem em discursos. Constituem as identidades, construídas dentro dos discursos, um “jogo de modalidades específicas de poder”, produto da diferença e da exclusão que nos convoca a assumirmos nossos e novos lugares.

Com as novas identidades, surgem os novos discursos, o que deixa o sujeito fragmentado e provoca uma crise de identidade, resultado de um amplo processo transformacional que desloca as estruturas da sociedade moderna e faz-se perder a noção do sujeito, pois a idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes se tornou inválida em face da totalidade dos acontecimentos, das informações e das imagens que nunca circularam com tanta velocidade.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

CORACINI, M. J. (org.) *Identidade & discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. Trad. Andréa B. M. Jacinto; Simone M. Frangella. 3. ed. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2000.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

SILVA, Tomas T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu Silva (org.), Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.